

## PORTAS, JANELAS E MOLDURAS: TOPOFILIA, IDENTIDADE, GLOBALIZAÇÃO E OS ESTUDOS DE LITERATURA DE RORAIMA<sup>i</sup>

Cátia Monteiro Wankler<sup>ii</sup> (UFRR)

### **Resumo:**

*Hoje, o uso do termo “regional” para designar a produção literária de determinados espaços geográficos pode parecer, para uns, um contrassenso; para outros, um ato de afirmação política. O fato é que ao abordar esse tema, deparamo-nos, a todo o momento, com a ideia de fronteiras: literatura/não-literatura, literatura nacional/estrangeira, boa/má literatura; literatura canônica/não canônica; literaturas centrais/periféricas; literatura regional/universal, entre outras. Trata-se de binômios que causam desconfortos e polêmicas e que representam, simbolicamente, limites tênues, quase sempre erigidos sobre pontos de vista distintos, que partem de referenciais diferentes e dão voz a variados juízos de valor, mas que, se não o pretendem, com frequência acabam por definir categorias que “confinam” os textos literários. Propomo-nos aqui a levantar algumas questões relacionadas à noção de “literatura regional” e seu lugar num mundo globalizado em que os Estudos Literários apontam, cada vez mais, para a discussão de questões de cultura e identidade. Partimos, a priori, dos pontos de vista de Afrânio Coutinhos, Ligia Chiappini, Yi-Fu Tuan e Stuart Hall para problematizar o lugar de tais reflexões frente aos processos de globalização, considerando que a literatura convencionalmente chamada de “regional” precisa ser abordada a partir de novos olhares que observem as singularidades “locais” presentes no texto, sem, contudo, tomar o texto como uma singularidade “local” por si só. É nesse ponto que encontramos a noção de “topofilia”, de Tuan, que surge como um caminho alternativo de acesso às especificidades dos textos “locais” a partir de argumentos que, ao invés de distanciá-los de tudo o que não seja eles mesmos, possibilita seu diálogo com textos de qualquer tempo, de qualquer parte do mundo, pois a topofilia está relacionada à percepção do lugar pelo(s) sujeito(s). Assim, é possível aproximar textos clássicos e contemporâneos, canônicos ou não, redimensionando o impacto daqueles binômios iniciais no estudo de textos literários.*

**Palavras-chave:** Literatura de Roraima, topofilia e identidade, Literatura e globalização.

Hodiernamente, o uso do termo “regional” para designar a produção literária de determinados espaços geográficos pode parecer, para uns, um contrassenso, para outros, um ato de afirmação política. As inquietações que se apresentam diante do assunto abrangem desde a multiplicidade de concepções sobre o que seria “literatura regional” até os aspectos epistemológicos e filosóficos que envolvem os estudos dos textos normalmente associados a tal conceito. Estas inquietações passam, logicamente, pela complexidade de termos como “periferia”, “cor local” e “naturismo”, entre outros ligados a tentativas de sistematizar opiniões acerca desta produção e que quase sempre resultam na definição de categorias que acabam por limitar as possibilidades de

abordagem dos textos literários “confinando-os”, criando “guetos”, como coloca Lúcia Chiappini (1995).

Propomo-nos aqui a problematizar algumas noções de “literatura regional” e seu lugar num mundo globalizado em que os Estudos Literários apontam, cada vez mais, para a discussão de temas como cultura e identidade. Partimos do contraponto entre os pontos de vista de Afrânio Coutinho e Ligia Chiappini, para iniciar um debate sobre “literatura regional”, chegamos ao conceito de topofilia de Yi-Fu Tuan para (re)pensar as relações entre sujeitos e lugares, o que nos propicia um novo olhar sobre os processos de construção e afirmação identitários discutidos por Stuart Hall e Tomás Tadeu da Silva.

Uma das principais obras de referência sobre o tema, **A Literatura no Brasil**, de Afrânio Coutinho, serve de base teórica tanto para aqueles que concordam com a sua visão quanto para aqueles que a contestam. Foi lançada em quatro volumes, no período de 1955 a 1959, e reconfigurada, a partir de 1968, em seis volumes, dos quais o que nos interessa aqui é o quarto, intitulado *Era Realista – Era de Transição*, em que Coutinho trata do regionalismo. Neste capítulo, o autor busca situar o que seria o regionalismo e quais as acepções do termo aceitas por ele. Assim, começa estabelecendo uma diferença entre o regionalismo do ponto de vista dos românticos e dos realistas (p.234). Segundo o ele, no Romantismo observa-se um regionalismo como sinônimo de saudosismo e escapismo, colocado através da idealização de um passado, subjetivado pelos autores, e que remete ao onirismo, à supervalorização de sentimentos, qualidades e valores de uma cultura europeizada que, desse ponto de vista, se sobrepõe à sua. Já pela abordagem realista do regionalismo, pode-se observar uma busca pela compreensão dos valores e motivos de vida humanos como fontes de nutrição e inspiração intelectual, e da ação e reação entre o homem e o meio natural (linguagem, tipos humanos, formas de conflito social e moral), desvencilhando-se do saudosismo e do escapismo românticos.

Coutinho chega a duas grandes definições de regionalismo: (1) toda obra que tenha por pano de fundo alguma região particular ou que pareça germinar intimamente desse fundo; (2) pressupõe que uma obra de arte só é tida como regional quando não apenas se localiza numa região, mas também quando retira sua substância do real, seu embasamento do ambiente natural (clima, topografia, flora, fauna) em sua interação com a vida humana na região e ainda considera as peculiaridades da sociedade humana estabelecida naquela região que a tornam distinta de qualquer outra. Esta última é a que ele toma como o sentido autêntico do regionalismo.

Dessa perspectiva, Coutinho afirma que “de Norte a Sul do país, escritores aparecem procurando captar em prosa, com a máxima veracidade, os temas, os costumes, os tipos, a linguagem... (p. 237)” das várias regiões do Brasil marcadas pela importância que tiveram como focos regionais de produção literária, produção essa que ele divide em ciclos: o nortista, o nordestino, o baiano, o central, o paulista e o gaúcho.

Não é possível negar a importância destas reflexões acerca do regionalismo na ficção, sobretudo por seu pioneirismo em considerar uma variante dentro da produção literária brasileira que não havia sido sistematicamente tratada até então. Contudo, percebe-se que, do ponto de vista do autor, há uma hierarquização entre estes ciclos, tendo em vista que alguns, sobretudo o nortista, são tratados com certo desdém, ao passo que outros, principalmente o paulista, são apontados, sub-repticiamente, como parâmetro qualitativo para os demais.

Se o ponto de vista de Coutinho pode ser tomado como anacrônico para os estudos literários contemporâneos, Ligia Chiappini (1995), em seu ensaio “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”, traz opiniões que renovam os debates sobre o tema, problematizando os pontos de vista que simplificam ou generalizam a questão.

A autora afirma que o regionalismo é “fenômeno universal”, um tema recorrente dos estudos literários hodiernos, por mais que existam alegações de que se trata de uma classificação obsoleta, afirmando que frequentemente escritores (ou grupos de escritores) lançam mão das especificidades daquilo que se costuma chamar de regionalismo para (de)marcar aspectos identitários locais em suas obras.

Ao longo de suas 10 teses, Chiappini vai desconstruindo, com propriedade e coerência, vários argumentos que acabam por empobrecer a leitura do texto literário em si, sobretudo aqueles marcados por elementos de regiões específicas. A seguir, resumimos as reflexões que resultam das 10 teses:

1) historicamente, convencionou-se classificar como regionalista as obras literárias “que expressam regiões rurais e nela situam suas personagens e ações, bem como suas particularidades linguísticas” (p. 155);

2) o romance regionalista, a partir do século XIX, começa a viver da tensão entre o idílio romântico e a representação realista, tentando progressivamente dar espaço ao homem pobre do campo, tornando audível a sua voz ao leitor da cidade, ao qual se destina essa literatura;

3) para estudar o regionalismo, é preciso compreender seu caráter universal e moderno e perceber que se ele surgiu como forma de resistência ao iluminismo e à centralização

cobradas pelos Estados-nação, hoje ele se atualiza como forma de resistência à globalização, em defesa das particularidades locais frente à ameaça de “homogeneidade cultural” (p.156);

4) o regionalismo, como fenômeno moderno e universal, aparece como contraponto “da urbanização e modernização do campo e cidade sob o capitalismo” (p.156), o que motiva a atualização do regionalismo e acaba, de certa forma, dando voz aos “inconformados com a divisão injusta do mundo entre ricos e pobres” (p. 156);

5) “do ponto de vista dos estudos literários, o regionalismo é uma tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à ‘grande literatura’, confundindo-se frequentemente com a pedagogia, a etnologia e o folclore” (p. 156);

6) a crítica literária tende a desvincular os grandes escritores da tendência regional, argumentando que a qualidade literária de suas obras os “elevaria” do regional ao universal. O simples uso do termo “elevantar” já denota um juízo de valor que demonstra uma espécie de hierarquização que pressupõe que o “universal” é melhor (possui mais “qualidade literária”) do que o regional, ponto de vista de que Chiappini demonstra discordar ao considerar que em qualquer tendência é possível encontrar obras “boas” e “más”;

7) ao considerar obras literárias produzidas em contextos sobretudo espaciais e temporais distintos, deve-se ter o cuidado de considerá-las não apenas do ponto de vista de leitor, mas também do/s ponto/s de vista do contexto em que foi produzida; então, considerando a enormidade geográfica do Brasil e a multiplicidade de culturas nele conviventes, é preciso observar a produção literária de São Paulo e de Roraima, por exemplo, a partir de parâmetros distintos, lembrando sempre que a grande diferença entre elas não é qualitativa, mas sim de referencial, ou seja, referenciais diversos originam estatutos literários diferentes;

8) destaca o caráter político do regionalismo, tendo em vista que ele se torna, assim, um projeto de reconhecimento identitário, de afirmação cultural, atuando como uma espécie de elemento mediador de uma relação tensa, comprometida com o processo de compreensão de sua realidade por aquele que, do ponto de vista do escritor regionalista, se configura como “o outro” nessa relação;

9) a crítica aponta o pitoresco, a cor local e o descritivismo como “defeito” do escritor regionalista, no entanto, o que prevalece na obra regionalista é o sentido de regionalidade construído a partir da visão de mundo vivido e subjetivado pelo autor. Sendo assim, cabe mencionar que a “região” transcrita na ficção não é necessariamente uma região geográfica,

pois é também ficcional, por mais que seja nomeada como um lugar existente de fato e “localizável no mapa”, trata-se de uma criação ficcional simbólica;

10) se a perspectiva local/regional for compreendida a partir da visão de mundo que sustenta e que é sustentada por ela, e não como peculiaridades de um determinado espaço geográfico, torna-se indiferente se o espaço é uma grande metrópole mundial ou um pequeno vilarejo interiorano, porque o lugar de expressão literária, simbólica e subjetiva da obra estará preservado e poderá ser compreendido.

O que se coloca aqui é o lugar de tais reflexões frente aos processos de globalização que, como aponta Stuart Hall, mundializam opiniões, lugares comuns, paisagens etc. de forma avassaladora. Como tudo o mais, a literatura também sofre os impactos disto. Assim, aquela literatura convencionalmente chamada de “regional” precisa ser abordada a partir de novos olhares que observem as singularidades “locais” presentes no texto, sem, contudo, tomá-lo como uma singularidade “local” por si só.

Em nossos estudos em torno da Literatura produzida em Roraima, concentramo-nos justamente nessa vertente tradicionalmente tratada como “regionalista”. Este termo, se tomado como absoluto, é extremamente limitador e restringe tal produção a uma espécie de “gueto”, ou o “beco” de que fala Chiappini, que segrega não só os escritores, frequentemente tomados como “menores”, mas também aqueles que estudam esta produção, que correm o risco de só dialogarem entre si.

No entanto, ao nos familiarizarmos com o conceito de Topofilia de Yi-Fu Tuan, percebemos uma possibilidade de abordagem das especificidades dos textos “locais” a partir de argumentos que, ao invés de distanciá-los, aproximam-nos, colocam-nos em diálogo com textos de qualquer tempo, de qualquer parte do mundo.

Segundo Tuan (1980), o termo topofilia associa sentimento e lugar, pois está relacionado à percepção do lugar pelo(s) sujeito(s), representando “todos os laços afetivos dos seres humanos como meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). Graças ao trabalho com o conceito de topofilia, podemos colocar em diálogo, por exemplo, textos poéticos e autores que, sob o ponto de vista do regionalismo, não se encontrariam, como Fernando Pessoa/Alberto Caeiro e Zeca Preto, tendo em vista que poderia ser considerado um sacrilégio colocar o poeta português, mesmo como Alberto Caeiro, no escopo da literatura regional.

Alberto Caeiro é um dos mais notórios heterônimos de Fernando Pessoa. É considerado mestre dos demais heterônimos e do próprio Pessoa. Trata-se de um poeta ligado à observação e expressão da natureza, praticando uma poesia que revela observação e análise do entorno,

embora o próprio Caeiro se considere um antimetafísico que despreza o aspecto filosófico como método de composição poética.

Zeca Preto é um poeta, músico e compositor paraense nascido em 1950, radicado em Roraima desde 1975, e cuja produção possui forte vinculação com o universo amazônico, sobretudo o roraimense.

Enquanto Zeca Preto é brasileiro, amazônico, migrante e poeta não canônico, Fernando Pessoa/Alberto Caeiro é europeu, canônico, do início do século XX, o que não impede que reflexões e inquietações semelhantes acerca dos “seus lugares” sejam expressas em seus textos. Os versos de *O Tejo é Mais Belo*, de Caeiro, dizem:

#### XX - O TEJO É MAIS BELO

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,  
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia  
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia

O Tejo tem grandes navios  
E navega nele ainda,  
Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,  
A memória das naus.  
O Tejo desce de Espanha  
E o Tejo entra no mar de Portugal.  
Toda a gente sabe isso.  
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia  
E para onde ele vai  
E donde ele vem.  
E por isso porque pertence a menos gente,  
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.  
Para além do Tejo há a América  
E a fortuna daqueles que a encontram  
Ninguém nunca pensou no que há para além  
Do rio de minha aldeia

O rio de minha aldeia não faz pensar em nada.  
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.  
(CAEIRO. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000001.pdf>. Acesso em 05/12/2012)

No poema percebe-se uma valorização de um aspecto regional, na medida em que o sujeito expressa que, por mais belo e grandioso que o rio Tejo seja, por maior que seja a sua importância histórica, ele nunca será mais importante do que o pequeno e desconhecido “rio que corre pela minha aldeia”. Isto porque o pequeno rio ganha importância para o eu do poema, que o conhece bem, domina suas particularidades, com ele interage, dele depende: “E

por isso porque pertence a menos gente, / É mais livre e maior o rio da minha aldeia”. Manifestam-se, assim, os sentimentos topofílicos de que fala Tuan, tendo em vista que este se caracteriza pelo aspecto de familiaridade entre o sujeito e o lugar. Então, o rio da minha aldeia, com o qual aquele sujeito possui familiaridade, terá mais importância do que o grandioso, mas distante e impessoal Tejo.

No caso do poema *Mangueira*, de Zeca Preto, é possível observar um sujeito que está em um lugar — Roraima —, dialogando com outro lugar — Pará —, materializado na figura da “mangueira”, evocada como uma espécie de interlocutor no contexto do poema.

#### MANGUEIRA

Mangueira cadê essa turma  
da Ferreira Pena, Curuçá  
aqui tá danado de gostoso  
pra se viver muito bem  
te mando via mão própria  
o vinho gostoso de buriti  
me manda via sedex, urgente  
pupunha, açaí  
Rio Branco, navegar de ubá  
eu bebo o Guajará  
Uraricoera pecar acima do equador  
mangueira cadê essa gente  
valente, presente em meu ser  
aqui já virei roraimeira  
mas sinto saudade de você  
te mando via mão própria  
paçoca gostosa de gergelim  
me manda via sedex, urgente  
um bom pato no tucupi...  
(PRETO, <http://www.vagalume.com.br/zeca-preto/mangueira.html>. Acesso em 05/12/2012)

Nesse caso, é oportuno observar que a alusão ao Pará e a Roraima se dá de forma perifrástica, através de diversos elementos das paisagens dos dois estados. No entanto, é pela imagem dos rios que se dá a marcação identitária mais substancial do texto, considerando que Guajará, no Pará, é uma baía formada pela confluência dos rios Guamá e Acará, às margens da qual foi erigido, em 1616, o hoje denominado Forte do Castelo, considerado marco fundador da atual cidade de Belém. Já o rio Branco, em Roraima, é formado pela confluência do Tacutu com o Uraricoera, também referido no poema, local onde foi construído o Forte São Joaquim, em 1778, o que teria garantido o povoamento do estado e a formação de Boa Vista.

Vale ressaltar que o eu do poema “navega” no rio Branco, imagem que sugere certa superficialidade, ao passo que ele “bebe” o Guajará, suscitando a ideia de uma relação mais visceral. Já o Uraricoera figura como o lugar do pecado acima do equador, numa metarreferência à canção “Não existe pecado ao sul do Equador”, de Chico Buarque de Holanda. Ao fim da leitura, podemos perceber que, apesar de suas raízes estarem no Pará, este sujeito revela forte apego a Roraima e um desejo de permanência, satisfazendo sua saudade do local de origem à distância mesmo, “via sedex”, o que fica muito claro quando afirma: “aqui já virei roraimeira / mas sinto saudade de você / te mando via mão própria / paçoca gostosa de gergelim / me manda via sedex, urgente / um bom pato no tucupi...”.

Deste modo, é possível percebermos no poema de Zeca Preto sentimentos topofílicos em relação aos dois lugares, ambos familiares e associados a imagens de prazer, embora o Pará, no presente, seja só saudade e Roraima permanência. Isto o difere de *O Tejo é mais Belo*, tendo em vista que os versos de Caetano manifestam familiaridade em relação a um lugar, tomado como seu, em contraponto ao estranhamento provocado por um “outro”.

No caso de *O Tejo é mais Belo*, o que se impõe é a grandiosidade histórica do Tejo que remete a um imaginário coletivo, impessoal, cuja projeção é o outro, o diferente, “Pelo Tejo vai-se para o Mundo. / Para além do Tejo há a América”, ao passo que “Ninguém nunca pensou no que há para além / Do rio de minha aldeia / O rio de minha aldeia não faz pensar em nada. / Quem está ao pé dele está só ao pé dele”, remetendo à necessidade de que o homem português da época voltasse mais o seu olhar para dentro de seu próprio país e de seu tempo para assim se descobrir.

Trata-se de uma questão que remete às discussões acerca da identidade em suas imbricações com as noções de globalização, pois, como coloca Tomás Tadeu da Silva, “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (2009, p. 81). A identidade e a diferença se traduzem em declarações sobre quem pertence e não pertence. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, fazer distinções sobre o que fica dentro ou fora. Essas demarcações afirmam, ao mesmo tempo, relações de poder.

Este breve exemplo pode contribuir para demonstrar que o movimento de difusão de conhecimento, de informação, experimentado hodiernamente pode ser o lado bom da globalização que, como aponta Hall, de certa forma propicia a particularização, a publicidade dos até então “invisíveis”, evidenciando-os e fomentando a problematização de diversas questões, dentre elas, o cânone da arte.

Então, ao olhar em volta, vemos a contestação de paradigmas, a “centralidade” do mundo seja no aspecto geográfico, político, econômico ou cultural sendo questionada e desconstruída, em que os “invisíveis” se fazem ver, os “inaudíveis” se fazem ouvir e os “periféricos” vêm para o centro das discussões. Diante disso, não podemos deixar de encarar a concepção tradicional de “literatura regional” como um anacronismo, um conceito que emoldura o texto literário, confinando-o num contexto de imobilidade e fixidez impróprio à natureza dinâmica da Literatura, muito mais afeita a janelas que se abram para um cenário vário, em permanente processo de mutação, e a portas que permitam a extrapolação dos limites entre leitor e obra. Relembrando Scopinho (2004), a obra literária não é a utopia original, mas sim a heterotopia fundamental.

## **REFERÊNCIAS**

- CAEIRO, Alberto. **O Guardador de Rebanhos**. In: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000001.pdf>. Acesso em 05/12/2012.
- CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.
- COUTINHO, Afrânio. O Regionalismo na Ficção. In: \_\_\_\_\_. **A Literatura no Brasil**. 7. Ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004. v. 4. p. 234-309.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro de. Identidade e Poesia Musicada: Panorama do Movimento Roraimense a Partir da Cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração. **Revista Acta Geográfica**, Boa Vista-RR, ano III, nº6, p.27-37, jul./dez. de 2009.
- PRETO, Zeca. **Beiral**. Boa Vista: s.ed., 1987. Lei 7.505 de Incentivo à Cultura.
- PRETO, Zeca. **Mangueira**. In: <http://www.vagalume.com.br/zeca-preto/mangueira.html>. Acesso em 05/12/2012.
- SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. **Filosofia e sociedade pós-moderna: crítica filosófica de G. Vattimo ao pensamento moderno**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004. (Coleção Filosofia, nº 174)
- SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o Poetodrama**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Coleção Estudos; 24)
- SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SOUZA, Glaciele Harr de. **Lugar e Identidades em Ben Charles e Neuber Uchôa**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem e Cultura Regional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980. p. 106-128.

WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. Topofilia à beira do rio: Boa Vista em Beiral, de Zeca Preto. In: SILVA, Francisco Bento da; NASCIMENTO, Luciana Marino do. **Cartografias Urbanas: Olhares, narrativas e representações.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. p. 210-224.

---

<sup>i</sup> Resultado parcial do projeto de pesquisa “Os Impactos da Globalização na Poesia Topofílica de Roraima da década de 1980 aos dias atuais”, financiado pelo CNPq através do Edital Universal 2011.

<sup>ii</sup> Cátia Monteiro WANKLER, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>.  
Universidade Federal de Roraima (UFRR).  
Curso de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras.  
cwankler@uol.com.br